

**CRUCE DE FRONTERAS:
O DESLOCAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS
NA (RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Viviane Medeiros Macedo (UERJ)

viviane.mmacedo@gmail.com

Ana Cristina dos Santos (UERJ/UVA)

anacrissuerj@gmail.com

RESUMO

São muitas as razões que provocam os descolamentos territoriais: facilidades de locomoção, guerras, crises econômicas, políticas ou sociais, turismo... O fato é que, desde as últimas décadas do século XX, essa prática é cada vez mais frequente nas sociedades. Como o transitar (re)constrói identidades, as mudanças provocadas nesses indivíduos migrantes geram discussões cada vez mais frequentes na literatura contemporânea. O livro *Cruce de Fronteras: Antología de Escritores Iberoamericanos en Estados Unidos* (2013), organizado por Eduardo González Viaña, trata sobre o referido tema e expõe histórias escritas por escritores ibero-americanos que contam experiências de vivência e os problemas que pode enfrentar um migrante – como violência e preconceito por pertencer a uma cultura diferente – quando decide cruzar a fronteira dos Estados Unidos. Trata-se de uma obra voltada para o transnacional, pois vai além das questões do nacional hegemônico ao abordar o contato com o “outro” e as consequências que o encontro provoca nesse indivíduo errante. Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo analisar as causas e as consequências dos deslocamentos para a identidade do sujeito em trânsito, envolvendo assim as questões de alteridade, de desconstrução de pertença única, de transculturação e (con)vivência com as diferenças, relacionando-as com as questões de gênero. Nessa relação, comparam-se os contos de autoria feminina e masculina a fim de verificar se há diferença nas representações identitárias produzidas pelos escritores de autoria feminina e pelos de autoria masculina. Para a análise, utilizam-se os textos de Stuart Hall (2005) para as questões das identidades na contemporaneidade e da diáspora; de Zilá Bernd (2010) sobre literatura transnacional; de Sandra Regina Goulart Almeida (2013) para as relações de espaço e gênero; de Gisela Heffes (2013), Marc Augé (2007) e Silvano Santiago (2004) para as noções de espaço e deslocamentos e; Nestor García Canclini (2008) para os conceitos de hibridismo cultural.

Palavras-chave: Literatura transnacional. Deslocamentos. Identidade. Gênero

1. Introdução

Os deslocamentos territoriais – sejam individuais ou coletivos – parecem ter se convertido na nova condição da humanidade. O vai e vem de pessoas acontece em um número cada vez maior desde o final do século passado. Essa movência se dá pelos motivos mais variados: trabalho, estudo, turismo, migração e exílio causados por guerras, crises eco-

nômicas, políticas ou sociais. O indivíduo em trânsito passa a estar em contato com novas culturas – algumas vezes muito diferentes da sua. Esse convívio com a cultura do país de chegada e a adaptação aos comportamentos sociais e à nova língua provoca mudanças no sujeito migrante. Assim, podemos afirmar que os contatos, decorrentes das relações interpessoais, mudam não só o espaço, mas também os sujeitos. Os deslocamentos acarretam uma experiência de profunda transformação subjetiva, decorrente basicamente do contato com a alteridade. Assim, pensar nos deslocamentos contemporâneos implica analisar os constantes processos de reconfiguração da subjetividade que a movência provoca no sujeito errante. De modo que os deslocamentos conduzem a (re)construção de sua identidade.

Como consequência, a literatura contemporânea vem demonstrando um crescente interesse pela temática da errância, que vincula espaço, movência e subjetividade:

La inmigración se ha puesto enfrente de los escritores como un tema sumamente importante. No podía serlo menos toda vez que el problema que más preocupa a la nación. La imagen del camino junto a las superpuestas visiones del hogar, el amor, los dramas de la patria lejana se contraponen con las nuevas experiencias en un repertorio temático que podría ser interminable. (GONZÁLEZ VIAÑA, 2013, p. 12)

O tema também está presente no livro de contos *Cruce de Fronteras* (2013), organizado por Eduardo González Viaña. A obra é uma antologia de contos de vinte e cinco escritores ibero-americanos que escrevem e publicam ficção nos Estados Unidos. A obra aborda o tema da diáspora e descreve as experiências e as dificuldades enfrentadas por indivíduos que decidiram, pelas razões variadas (mais quase sempre econômicas), sair de seu país de origem para viver nos Estados Unidos. As personagens dos contos, tais como seus escritores, encontram-se na ambígua situação de não pertencer mais ao lugar de origem e tampouco ao país de chegada. A partir desse incômodo lugar, procuram não deixar desvanecer a origem que anseiam, que idealizam, ainda que saibam que essa origem é ilusória, pois essa já não é a mesma de quando partiram.

Sob esse prisma, a obra apresenta personagens cujas identidades estão abertas ao diverso que contém a relação de movimento, rejeitando a ideia de uma identidade de origem única. São personagens, tais como os autores, que não se incorporam a nova cultura e, tampouco, abandonam a de origem, mas criam uma terceira, formada pelos interstícios da cultura do país de origem com a cultura do país de chegada. Nesses entrelugares culturais, provenientes dos espaços de movência, negociam a sua cultura

com a cultura do outro e aprendem a traduzir e a negociar entre elas, criando uma cultura híbrida e uma identidade traduzida. *Cruce de Fronteras* é, portanto, de uma obra voltada para o transnacional⁷⁵, porque ultrapassa as questões do nacional hegemônico ao abordar o contato com o “outro” e as consequências que o encontro provoca no indivíduo errante.

A partir da seleção de contos que abordam o tema da migrância e o viver entre duas culturas, este trabalho tem como objetivo analisar as causas e as consequências dos deslocamentos para a identidade do sujeito em trânsito, envolvendo assim as questões de alteridade, de desconstrução de pertença única e de transculturação, relacionando-as com as questões de gênero. Além disso, comparam-se os contos de autoria feminina e masculina a fim de verificar se há diferença nas representações identitárias produzidas pelos escritores de autoria feminina e pelos de autoria masculina.

2. *O papel dos escritores transnacionais na literatura contemporânea*

É desafiante para o escritor migrante enfrentar a experiência do deslocamento, pois o faz refletir sobre os ideais antigos, relacionados à terra natal e os atuais, adquiridos no país de chegada. A teórica Gisela Heffes afirma que esse escritor é marcado por cicatrizes deixadas pela errância, ou seja, é um ser atravessado por cada fronteira cruzada e que ademais, enfrenta o desafio de ter que viver novas experiências no país em que se encontra. De modo que para a autora, suas narrativas são

[...] la producción literaria de una generación anclada a una frontera-cicatriz, una generación de escritores que fluctúa entre uno y otro lado, en el adentro y el afuera de la lengua, pero también, de la literatura, de las normas y los cánones, de las formas fijas del lenguaje, y, asimismo, de los territorios que los incluyen o excluyen. (HEFFES, 2012, p. 234)

Ainda em relação a esses escritores, Gisela Heffes ressalta que o viver entre duas nações, duas culturas e duas línguas impossibilita construção de um pertencimento a uma única nação e a uma única cultura. De maneira que o escritor migrante escreve desde uma perspectiva dupla, híbrida e não unitária:

⁷⁵ Segundo Zilá Bernd (2010, p. 16-7), “o conceito de transnacionalismo ‘implica um processo segundo o qual formações identitárias tradicionalmente circunscritas por fronteiras políticas e geográficas, vão além das fronteiras nacionais para produzir novas formações identitárias’ (2008, p. 96). Introduce-se assim, no conceito de transnacionalidade, a aceitação do heterogêneo e a recusa a definições identitárias fechadas e circunscritas a um só quadro de referências”.

se trata, más que nada, de una forma de devenir que escapa toda definición convencional como asimismo las rúbricas fijas y categóricas. Son en suma, identidades móviles, fluctuantes e híbridas, las que fluyen y se definen desde su propia condición migrante. (HEFFES, 2012, p. 224)

Dessa maneira, as discussões relacionadas à migração e as narrativas oriundas dos escritores migrantes envolvem questões relativas à identidade, ao espaço, ao tempo, à memória que, na literatura contemporânea, desdobram na questão de como classificar esse tipo de literatura tão mesclada culturalmente e que, por tal motivo, problematiza as tradicionais noções de território, identidade, língua e literatura nacional. A professora Zilá Bernd (2010, p. 13) afirma que “classificar as literaturas pela pertença a uma única nação tornou-se não apenas complicado, como cada vez mais irrelevante”. É irrelevante catalogá-las dessa forma porque, com o passar do tempo, o conceito de literatura nacional está se dissipando cada vez mais por causa da diversidade cultural, dando lugar às discussões sobre uma literatura transnacional, isto é, relacionada ao multicultural.

As narrativas do escritor transnacional não remetem a um sentimento de nostalgia, de perda pelo território que deixou, mas sim a uma conscientização de viver no entrelugar cultural, nas frestas existentes entre a mistura de culturas que carrega e a convivência sem crises por conta disso. Na literatura transnacional, os relatos mostram sujeitos fragmentados, que se descobrem híbridos e plurais pelas constantes viagens realizadas ao longo de sua vida. Têm ciência da perda em relação à cultura de origem, mas ao mesmo tempo do ganho cultural que adquirem no país de chegada. Portanto, são indivíduos “traduzidos”⁷⁶ que negociam o tempo todo sua identidade na diáspora. Pode-se compará-los ao processo de tradução de um livro – sofrem com o processo de perda, mas também ocorrem ganhos nessa passagem.

Eurídice Figueiredo (2010, p. 39) declara que

com algumas exceções, naturalmente, pode-se afirmar que os maiores prosadores da contemporaneidade são pessoas com duplas ou múltiplas identidades, pessoas que não estão coladas a nenhuma nação de modo monolítico, pessoas híbridas que se situam no entredeois, no entrelugar.

Sendo assim, tanto os escritores transnacionais quanto as suas personagens rompem com as ideias centrais difundidas pela cultura do *mainstream* e exaltam as periféricas, difundidas pela cultura contra-

⁷⁶ Conforme o conceito desenvolvido por Salman Rushdie (1993) e apresentado por Eurídice Figueiredo (2010, p. 35).

gemônica que abrem espaço ao indivíduo marginalizado pela sociedade: a mulher, o migrante, o mestiço, o latino-americano, o negro, o homossexual...

As narrativas desses escritores mostram, portanto, por meio de suas personagens, as características híbridas que carregam dentro de si. Abandonam qualquer tipo de preconceito cultural, já que a ideia é conhecer e reconhecer que cada povo tem seu valor. “Decididamente, os escritores que estão produzindo uma literatura transnacional eliminaram todo tipo de gueto, seja ele nacional, territorial ou linguístico”. (FIGUEIREDO, 2010, p. 39)

Eduardo González Viaña, organizador do livro *Cruce de Fronteras* (2013), objeto de estudo do presente artigo, corrobora com o seu pensamento, quando destaca que “*vivir en los Estados Unidos no equivale ya a renunciar a la lengua sino a enriquecerla con el sabor y las variantes que aportan los hispanoparlantes de uno y otro lado de nuestra América concentrados aquí*” (GONZÁLEZ VIAÑA, 2013, p. ix). Portanto, esses escritores têm ciência dos seres traduzidos que se tornaram, não se apegando, assim, a “modelos fechados, unitários e homogêneos de ‘pertencimento cultural’”. (HALL, 2008, p. 45)

O livro de González Viaña agrupa contos de escritores latino-americanos que narram experiências de vivência e os problemas que pode enfrentar um migrante – como a violência e o preconceito por pertencer a uma cultura diferente – quando decide cruzar a fronteira dos Estados Unidos. Se

a literatura atual revela uma grande variedade de construções identitárias, des-
construindo as grandes metanarrativas, valorizando a diversidade e a hetero-
geneidade, o pós-modernismo traçou efetivamente o caminho para as escritu-
ras migrantes e pós-modernas (PATERSON, 2015, p. 183),

pode-se dizer, então, que a obra *Cruce de Fronteras* (2013) está voltada para o transnacional. Vai além das questões do nacional hegemônico ao abordar o contato com o “outro” e as consequências que tal relação provoca no indivíduo errante.

3. *Cartografias migrantes e experiências identitárias*

O movimento de desterritorialização do sujeito migrante é seguido pelo da reterritorialização. Nesse processo, ele ressignifica tanto a cultura do local de origem quanto a do destino. Assim, suas identificações estão abertas ao diverso que contém a relação de

movimento. É possível verificar pelos fragmentos destacados abaixo dos contos “La mujer-sándwich”, “El día que Carmen Maura me besó” e “Los suaves ofendidos”, respectivamente, como o migrante, de uma maneira geral, passa por um processo de desconstrução e reconstrução da sua identidade para tentar adaptar-se melhor a essa nova cultura.

*Yo antes veía una cara como de gente de mi pueblo, morenita, pelo liso y me iba directo donde ellos estaban pensando que me entenderían, pero me llevé más de un chasco. Muchos de estos latinos han nacido aquí y son más yanquis que los yanquis. No saben o se hacen los que no saben español. **Me cuesta acostumbrarme a verles las caras y oírlos hablar en perfecto inglés. No me parece natural. Es como que les hubieran cambiado el alma. En este país uno no se puede guiar por las apariencias. Eso lo aprendí bien temprano. Sean chinos, indios, o morenos, después de un tiempo solo la cara les queda del lugar de donde vinieron.*** (BELLÍ, La mujer-sándwich, 2013, p. 57. Grifos nossos)⁷⁷

*[...] soy el primero en admitir que fue mi amor por el cine lo que me atrajo a Norteamérica. Pero diez años en la Octava Avenida con la Calle 43, **me han convertido en un poco impresionable neoyorkino.*** (MANRINQUE, El día que Carmen Maura me besó, 2013, p. 181. Grifo nosso)

*Vi con horror que la mujercita trataba de reconocerme, acosándome con su mirada acuciosa. **Le dediqué la indiferencia que yo había aprendido en este país,** esa mirada capaz de ver a través tuyo sin emoción alguna. Era una mujercita hispana, insignificante y enérgica, pulida hasta los huesos por el exceso de trabajo, pero llena de una espera lúcida, tal vez temeraria.* (ORTEGA, Los suaves ofendidos, 2013, p. 214. Grifo nosso)

Contudo, a chegada e a adaptação a um país estrangeiro não é tão fácil. Os contos presentes em *Cruce de Fronteras* retratam bem essa realidade já que “*la inmigración se ha puesto enfrente de los escritores como un tema sumamente importante*” (GONZÁLEZ VIAÑA, 2013, p. xii). Nos contos, os autores mostram como, em um primeiro momento, o sujeito migrante submete-se ao processo de aculturação, assimilando a cultura local. Com isso, tenta apagar os vestígios de estrangeirismo que lhe restam como o sotaque e os costumes da sua cultura de origem. Opta seguir por esse caminho, porque sua cultura latino-americana é vista como sendo inferior pela cultura estadunidense. Essa prática, imposta pelo país de chegada, tem o objetivo de homogeneizar as diferenças, preservando, assim, a identidade nacional. Porém, pouco a pouco, o migrante começa a ressignificar a amalgamar a sua cultura com a do país de chegada.

⁷⁷ Todas as citações do livro *Cruce de Fronteras* aparecem referenciadas com o nome do autor, nome da crônica entre aspas, ano e página.

No livro *Cruce de Fronteras*, grande parte dos contos retrata personagens emigram para trabalhar na agricultura, nas fábricas, construções e serviços domésticos e emigram para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida nos grandes centros urbanos. Essa é a maior incidência de migrações e ocorre dos países do hemisfério Sul para os do Norte (nos contos especificamente da América Hispânica para os Estados Unidos), já que estes são mais desenvolvidos economicamente e têm, portanto, mais condições de empregabilidade, ainda que esses migrantes estejam subempregados:

O fluxo dos seus novos habitantes é determinado em grande parte pela necessidade de recrutar os desprivilegiados do mundo que estejam dispostos a fazer os chamados serviços do lar e de limpeza e aceitem transgredir as leis nacionais estabelecidas pelos serviços de migração. (SANTIAGO, 2008, p. 51)

Mesmo com a possibilidade de viver na ilegalidade, tendo que enfrentar dificuldades para arrumar um trabalho digno – o trabalho que sobra para o migrante é o “desqualificado e rejeitado pelos nacionais” (SANTIAGO, 2008, p. 51) –, os latino-americanos migram em busca do sonho americano: a oportunidade de um trabalho que lhe garanta sucesso, prosperidade e mobilidades social. O conto “Dorando la píldora” retrata a dificuldade de alcançarem esse sonho:

– *Es un gusto que por fin a Pedro le vaya bien, es un muchacho muy talentoso. Mala suerte nomás ha tenido. Tanto tiempo sin trabajo, fíjese usted.*

– *Es difícil encontrar trabajo, señora. Y más si no se tienen los papeles, digamos, en regla [...]*

– *Acá tampoco es fácil, pero por allá [los Estados Unidos] pensábamos que iba a ser más simple. Al principio parece que no le fue muy bien. Él no escribía sobre eso, pero yo me daba cuenta. Nunca le gustaba hablar de sí mismo. Los nuestros en la escuela decían que era reservado. Eso le decían. Yo ni siquiera sé en qué trabaja. Sé que es en Kansas, nada más que eso sé.* (DORFMAN, 2013, p. 103)

Nesse conto, homens e mulheres se sujeitam a serem cobaias de laboratório farmacêutico, pondo em risco suas vidas, sem se importarem com as consequências. Aceitam tal trabalho em troca da legalidade – documentos que os possibilitem viver nos Estados Unidos –, de um bom salário e, com isso, poderem ajudar as famílias que ficaram na terra natal.

Muitos migrantes são refugiados políticos que se vão porque não podem permanecer no seu país. No conto “Materia prima”, é possível conhecer a história de um professor colombiano preso na ditadura e que

se exila nos Estados Unidos quando é libertado. Ao chegar, converte-se em lavrador:

– Creyeron que me dedicaba a las labores agrícolas. Cuando llegamos a Salem supimos que la iglesia nos había conseguido trabajo en las plantaciones de frutales. Tomé el trabajo como algo temporal, para afirmarnos al principio, pero para alguien que nunca ha podido agarrar bien el inglés esto sigue siendo lo mejor. (EPPLÉ, 2013, p. 123-124)

Além disso, observa-se nos contos a dificuldade de comunicação pela língua ser diferente. Esse problema também está presente no conto “La mujer-sándwich”:

Los domingos, mi tía y yo vamos a misa y después tomamos la calle Pico hasta que llegamos a un lugar que se llama la Pico Unión que parece que uno estuviera en Centroamérica. Venden todas las comidas que nos gustan a nosotros: los frijoles negros, la masa para tortillas, los plátanos, el chicharrón. Además de que todos los rótulos están en español y allí ese es el idioma que se habla. Hacemos las compras, hablamos con la gente y después nos regresamos a la casa. Aparte del domingo, el resto de la semana apenas hablo con nadie, lo cual me viene bien. (BELLI, 2013, p. 57-58)

O viver entre duas ou mais culturas origina um sujeito em conflito identitário. Para o indivíduo que não se acultura, é possível observar um ser deslocado, que não se encaixa por viver no entrelugar cultural – lugar este que lhe é desconfortável. A morada atual está relacionada com os acontecimentos do tempo presente, não tendo relação, assim, com a memória que está ainda presa ao passado – lugar de suas raízes. Por isso, a narradora do conto “La mujer-sándwich” se identifica com o lugar “Pico Unión”, pois ali se encontra em sua zona de conforto. A língua inglesa a trava, já a espanhola a liberta. O uso de sua língua natal, faz com que a personagem se sinta à vontade naquele lugar, pois ali ela se identifica com a sua cultura, mesmo estando longe de seu país.

Nessa perspectiva, a morada atual passa a ser um “não lugar” (AUGÉ, 2007, p. 71) porque se trata de um local sem elos, diferentemente da terra natal que é reconhecida pela memória, já que o migrante viveu uma história ali, ou seja, é o local de sua raiz. Segundo Gisela Heffes (2012, p. 237)

Ubicados en ese límite fronterizo, la mirada muchas veces se nos vuelve hacia atrás, hacia el territorio que dejamos, aunque principalmente, los afectos, los objetos, los olores, las sensaciones, e incluso elementos menos definibles, como la niñez o la infancia. Ése es el territorio de la memoria. [...] Lo extranjero desaparece en la infancia, como asimismo la percepción de alienación o no pertenencia. No hay extranjería en el territorio de la infancia, no hay expulsión y desarraigo sino anclaje y amparo.

A falta de relação histórica e de relações identitárias com esses espaços (os não lugares) tem como consequência a solidão, a individualidade, o não pertencimento e os conflitos identitários. Dessa forma, o indivíduo migrante estabelece relações entre o local atual em que se encontra e sua terra natal. Tal feito o remete a lembranças de sua pátria, o que lhe traz conforto e sensação de pertença.

4. *A mulher na literatura transnacional da contemporaneidade*

A literatura transnacional ao dar voz a sujeitos que vivem uma realidade de hibridismo e mestiçagem privilegia os relatos e as experiências que ressaltam os que vivem nesse entrelugar. Com isso, torna protagonistas sujeitos até então relegados pelo *mainstream*. Consequentemente, acaba por discutir as relações de poder e a trazer à tona as questões étnico-raciais que visam retirar da margem esse sujeito excêntrico e dar-lhe voz na sociedade em que está inserido. Assim, essa literatura rompe com os conceitos hegemônicos que valorizam a ideia de pertencimento único e de uma cultura pura ou superior, e ressalta o excludente e o diferente. É nesse contexto que a literatura transnacional relaciona também em seus relatos a experiência migrante de um sujeito até então silenciado ou relegado à margem: a mulher. Em muitas narrativas, a mulher torna-se protagonistas, não só como tema, mas também como autoria, das experiências do deslocamento:

Várias escritoras contemporâneas, antes voltadas para a elaboração de romances que tratavam prioritariamente de uma narrativa intimista com forte teor autobiográfico, têm abordado questões mais abrangentes, mas não menos problemáticas, com relação à presença das mulheres nesse novo contexto sociocultural e geopolítico. (ALMEIDA, 2013, p. 75)

É de grande importância, então, uma literatura voltada para a realidade social de mulheres que ainda estão à margem da sociedade em pleno século XXI. Juntando essas questões sociais com as da diáspora, ao inseri-las na literatura contemporânea, as escritoras estão lutando por uma conscientização da sociedade no que diz respeito à aceitação, sem julgamentos de valor, em um mundo em movimento e com constantes mudanças, isto é, de um mundo multicultural.

A escritora americana Glória Anzaldúa, de origem mestiça e defensora da cultura chicana, sempre esteve envolvida com as questões feministas. Fez um apelo às mulheres escritoras do terceiro mundo em um

de seus ensaios, abordando a invisibilidade que ainda envolve as mulheres que vivem neste século.

Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, devem-se evocar as realidades pessoais e sociais – não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. [...] Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. Não estamos reconciliadas com o opressor que afia seu grito em nosso pesar. Não estamos reconciliadas. (ANZALDÚA, 2000, p. 235)

A literatura produzida pelas escritoras na diáspora retrata as experiências dos indivíduos migrantes nos países de chegada, mas observa-se também que essas questões estão sempre atreladas ao gênero. Seguindo o apelo de Gloria Anzaldúa, as escritoras devem falar do universo feminino diversificado e desestabilizar, com isso, as ideias hegemônicas que sempre foram privilegiadas pela sociedade.

Os contos das escritoras do livro *Cruce de Fronteras* estão marcados pela questão do gênero. As autoras ressaltam que as mulheres passam pelos mesmos problemas que os homens, porém, com o diferencial de terem que enfrentar o fato de ser mulher, de ter que se autoafirmar nesse espaço de chegada. Fazem-nos refletir sobre a seguinte questão: homens e mulheres, que vivenciam a diáspora, são tratados da mesma maneira nesse novo espaço?

A intenção é salientar para o fato das normas que dita a sociedade a qual ainda hoje diferencia os espaços públicos – como pertencentes aos homens – dos privados – estes destinados às mulheres. Visam também questionar e desestabilizar esse espaço tradicionalmente constituído, propondo a sua reconstrução – desconstruir para reconstruir espaços.

Cabe, pois, à crítica contemporânea, em especial a crítica feminista, desconstruir e reconstruir esses espaços, promovendo a contestação e a renegociação do significado dos espaços tradicionais – que seria um sistema fechado e excludente –, promovendo novas espacialidades interacionais e multifacetadas. (ALMEIDA, 2013, p. 74)

O conto “Amigas para sempre” da escritora cubana Teresa Dovalpage (des)constrói a ideia da chamada “chica lit” (DOVALPAGE, 2013, p. 108) ou literatura feminina, também conhecida como “literatura de mulherzinha” (ALMEIDA, 2013, p. 82). A discussão inicial levantada pela narradora é que essa literatura estaria voltada para a construção da identidade feminina, sempre apoiada nas amigadas.

Los personajes son por lo general mujeres que se reúnen (igual que nosotras) una vez por semana para intercambiar chismes y tomar un café. [...] O que deciden pasar un tiempo juntas para lamerse las heridas y descubrir otra ruta a seguir. (DOVALPAGE, 2013, p. 109).

Sua tese de doutorado tem como objetivo defender esse tipo de literatura, “chica lit”, daqueles que a criticam. Defende a trama simples, de fácil linguagem dessas narrativas, bem como as suas histórias com finais felizes voltadas para as donas de casa. Ela indaga a falta de liberdade que tem as escritoras que querem escrever esse tipo de literatura. É como se escrever esse tipo de texto fosse um delito, como se não escrever para a elite fosse um crime. A narradora defende essa literatura também por acreditar em sua verossimilhança com a realidade de sua vida.

Porém, no decorrer da história, o leitor se dá conta de que a narradora descobre que seu namorado a trai com uma de suas melhores amigas. Esse episódio a faz refletir sobre esse tipo de literatura. Percebe, então que na história da vida real nem sempre há grandes amizades e finais felizes. Acaba percebendo que essa literatura é repleta de “*cuentos de hadas modernos. Cuentos de hadas para adultas estúpidas. Un universo falso, [...]*” (DOVALPAGE, 2013, p. 116). A história da vida real é diferente daquelas que apresentava a literatura que até então defendia. Portanto, a narradora compreende que a “literatura real” (DOVALPAGE, 2013, p. 116) contemporânea, independentemente de ser feminina, deve estar envolvida com situações verossímeis as da vida real.

Já o conto “La mujer-sándwich” da escritora nicaraguense Gioconda Belli traz uma personagem chamada Melania que sai de sua terra natal, Manágua (Nicarágua), por causa da guerra. Decide viver nos Estados Unidos na tentativa de conseguir uma vida melhor e parte em busca de sua tia que já reside lá há algum tempo. Melania era uma mulher que tinha valor entre as mulheres de seu povo: sabia ler, escrever e tinha o dom da palavra.

En la guerra aprendí que las palabras de nada sirven. Yo antes me creía muy capaz de hablar. Hasta aprendí a leer y escribir cuando la revolución alfabetizó y en la comarca me decían “Melania, vos debiste haber sido maestra”. Pero el día en que las mujeres del caserío me mandaron hablar con los armados de la Contrarrevolución que le hacían la guerra a los Sandinistas, de nada me sirvió poder expresarme. (BELLI, 2013, p. 58)

Ao chegar nos Estados Unidos, porém, a narradora percebe que todo o seu conhecimento não era útil nesse espaço, pois ela só servia para fazer o serviço que os estadunidenses não queriam.

Me tenía que poner un disfraz de sándwich y caminar de arriba abajo por la esquina diciendo adiós con una mano a los automóviles que pasaban y levantando con la otra un rótulo que decía que la comida valía 3.95 dólares. Solo a los gringos se les ocurrían aquellas cosas, me dijo el muchacho, pero era un buen trabajo si uno no sabía inglés porque no se necesitaba hablar. Para qué quise más. (BELLI, 2013, p. 60)

Era um emprego do qual sentiria vergonha. Seria humilhante se algum conterrâneo conhecido seu a visse naquela situação, já que o povo de sua cidade achava que ela, com todo o seu conhecimento, deveria ter sido professora.

[...] de vez en cuando alguien me mira con curiosidad, con lástima. Me figuro que esa persona tendrá buen corazón y pensará que me merezco mejor suerte. Yo ya no pienso así, aunque me alegra que nadie de mi pueblo pueda venir y verme en esta facha. (BELLI, 2013, p. 60-61)

Tentava encontrar um lado positivo no meio daquela situação em que se encontrava: ela era o que queria ser naquele momento, já que a mulher de fala fácil e sábia de sua terra não existia mais, pois a guerra lhe tirou essa escolha. Ela sabe que não é mais a mesma pessoa de antes e que nunca mais voltaria a ser. A outra certeza é a escolha de não querer viver mais no ruído da guerra – marca deixada em si como uma cicatriz. Por isso, sente-se realizada naquele momento, apesar de mostrar que sente falta, muitas vezes, de sua terra e dos momentos felizes que lá passou.

Para mí este trabajo es un refugio. A veces el ruido del tráfico se me vuelve el sonido del río Iyas cuando iba a lavar ropa. A veces lloro o me río sola sin que nadie se percate. Yo pienso para mis adentros que no es nada indigno recordarle a la gente que necesita comer, ofrecerle comida barata; me digo que mi trabajo es un servicio social que les hago a estos americanos. Ellos también necesitan comer. En eso todos somos iguales. (BELLI, 2013, p. 61).

5. Conclusão

Nos contos presentes no livro *Cruce de Frontera*, as causas dos deslocamentos são as mais variadas possíveis. Dentre elas destacam-se o exílio, a guerra, o estudo, a busca por melhores condições de vida e condições financeiras para poder ajudar a família que ficou para trás. O fato é que a escolha por sair do país provoca mudanças nesse sujeito que migra. Ele mudou ao longo da jornada pelo contato com a alteridade, ou seja, mantém as suas tradições, a sua língua, a sua comida, mas ao mesmo tempo, mescla essa cultura com os vários hábitos da cultura americana em sua vida cotidiana. Assim, o contato com a alteridade e as relações

com a cultura do país de chegada criam identidades móveis, em constantes processos de reconfiguração.

É exatamente o que se observa nas personagens dos contos analisados, pois são indivíduos que passam por um processo de reconfiguração identitária nesse novo espaço e questionam as ambivalências e as mediações que fazem parte dessa existência hifenizada. Dessa forma, conscientizam-se de que não se encaixam mais nem no lugar de origem, nem no espaço onde estão. Há uma mescla de valores culturais dentro desses sujeitos errantes: não são nem *daqui* e nem de *lá*. Criam, dessa forma, entre esses dois lugares, um terceiro, no qual amalgamam as duas culturas - o entrelugar cultural em que vivem. Tornam-se sujeitos traduzidos, que precisam (re)negociar o tempo todo seu *status* de indivíduo único - sua identidade - para continuar a sua vivência no território atual.

Por meio das análises dos contos, outro ponto que vale destacar é o fato de os deslocamentos não se relacionarem da mesma maneira no que diz respeito à questão do gênero. Homens e mulheres deveriam ser tratados da mesma maneira na sociedade, mas não são. De modo que os deslocamentos entre homens e mulheres também não são retratados da mesma maneira. Os contos das escritoras estão marcados por essas diferenças entre os gêneros, existentes ainda nas sociedades. Todos passam pelos mesmos problemas quando o assunto é a diáspora, independente se é homem ou mulher; porém, nos contos analisados, o homem continua sendo visto de forma superior. Somente nos contos de autoria feminina é que é o protagonismo da narração é dada para a mulher.

Nos contos de autores homens, a mulher, quando aparece, é apenas uma personagem secundária, geralmente sem voz, como no conto “Dorando la pildora”, de Ariel Dorfman, em que a personagem feminina – a mãe do amigo- é apenas receptora das notícias que traz o amigo do filho, em nenhuma posição de autoridade (não é narradora). Escuta o que o amigo do filho lhe conta e aceita, impotente, as notícias que ele lhe dá sobre o filho. Também no conto de Julio Ortega, “Los suaves ofendidos”, as duas personagens femininas (mãe e filha) são mendigas que apenas aparecem no texto para dar o protagonismo ao narrador –um homem peruano- que, por meio da “invisibilidade social” das duas conterrâneas, questiona, por meio desse “espelho” a sua própria identidade migrante.

O mesmo não acontece nos contos de autoria feminina. As autoras mulheres utilizam a literatura dar legitimidade à voz feminina. Em seus contos as mulheres não são mais objetos, e sim sujeitos com voz e auto-

ridade. Os contos de autoria feminina chamam a atenção do leitor para as injustiças sociais que uma mulher migrante sofre quando sai de sua terra natal para viver nos Estados Unidos. Alguns contos, como “Amigas para siempre”, de Teresa Dovalpage, expõem mulheres que conseguiram, através de muita luta – pois são consideradas seres menos capazes quando comparadas aos homens – um espaço nessa sociedade hierárquica. Já outros, como “La mujer-sándwich”, de Gioconda Belli, mostram mulheres que não tiveram a mesma sorte, mas que ainda continuam na batalha para se afirmarem nesse lugar. É importante ressaltar que ainda que algumas personagens tenham conseguido ocupar um lugar de maior prestígio social, elas continuam enfrentando uma batalha diária para se manterem nesse espaço.

As representações masculinas e femininas dos sujeitos em trânsito são muito diversas nos contos e estão estreitamente relacionadas ao sexo do autor do conto. Há professores, exilados políticos, empregadas domésticas (sempre mulheres), estudantes, desempregados e até mesmo um travesti; ou seja, uma gama de personagens que representa a diversidade do mundo contemporâneo em que vivemos. Porém, constatou-se que nas narrativas femininas, o protagonismo é sempre da mulher e essa pode possuir, como no conto “Amigas para siempre” um bom nível de estudo e de emprego. As escritoras usam o espaço literário para uma prática política e social, tentando desestabilizar o poder hegemônico e mostrar, por meio de suas personagens, as injustiças e as contradições ainda existentes entre homens e mulheres. Ademais, tratam sobre a liberdade de escolha que tanto almejam e que muitas vezes é vetada para essas mulheres.

Esse protagonismo já não ocorre nas narrativas masculinas. Nos contos analisados, quando aparecem personagens femininas, elas estão sempre em segundo plano, em condições sociais precárias ou em trabalhos estereotipados ao seu gênero. Suas narrativas não envolvem as personagens com as questões que afligem as mulheres da contemporaneidade. Portanto, os contos de autoria masculina ainda deixam a mulher sem voz e dentro do espaço que lhe foi imposto pela cultura hegemônica – o espaço à margem da sociedade.

Sendo assim, nesse espaço de trânsito, nesse *Cruce de Fronteras* é de grande importância a presença de contos de autoria feminina, pois eles marcam as diferenças entre os gêneros e dentro do próprio gênero feminino em relação às variáveis de raça, etnia, classe e orientação sexual. Desse modo, os contos (bem como a própria literatura de autoria feminina contemporânea) caminham na direção contrária aos pensamentos he-

gemônicos: apresentam a mulher como protagonista de sua própria história em um espaço onde as fronteiras se cruzam e se atravessam. É nesse espaço transnacional, de troca, de hibridização que as personagens dos contos analisados negociam e renegociam as suas identidades e percebem a relevância da visão transcultural, pois é no contato com a alteridade que se (re)conhece e o próprio “eu”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Cartografias de gênero: escrita e espaço na literatura contemporânea. In: _____. *Mulheres e literaturas: cartografias crítico-teórica*. Maceió: Edufal, 2013, p. 65-83.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*. Ano 8, p. 229-236, 1º semestre de 2000.

AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não lugares. In: _____. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad.: Maria Lucia Pereira. 7. ed. Campinas: Papirus, 2007, p. 71-105.

BELLI, Gioconda. La mujer-sándwich. In: GONZÁLEZ VIAÑA, Eduardo. (Org.). *Cruce de fronteras: antología de escritores iberoamericanos en Estados Unidos*. Miami: Suburbano, 2013, p. 55-61.

BERND, Zilá. Colocando em xeque o conceito de literatura nacional. In: CARRIZO, Silvina Liliana; NORONHA, Jovita M Gerheim. (Orgs.). *Relações literárias interamericanas: território & cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2010, p. 13-22.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad.: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

DORFMAN, Ariel. Dorando la píldora. In: GONZÁLEZ VIAÑA, Eduardo. (Org.). *Cruce de fronteras: antología de escritores iberoamericanos en Estados Unidos*. Miami: Suburbano, 2013, p. 99-107.

DOVALPAGE, Teresa. Amigas para siempre. In: GONZÁLEZ VIAÑA, Eduardo. (Org.). *Cruce de fronteras: antología de escritores iberoamericanos en Estados Unidos*. Miami: Suburbano, 2013, p. 108-116.

EPPLE, Juan Armando. *Materia-Prima*. In: GONZÁLEZ VIAÑA, Eduardo. (Org.). *Cruce de fronteras: antología de escritores iberoamericanos en Estados Unidos*. Miami: Suburbano, 2013, p. 117-126.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Literatura mestiça, literatura transnacional, literatura de migrância*. In: _____. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: Letras, 2010. p. 26-42.

GONZÁLEZ VIAÑA, Eduardo. (Org.). *Cruce de fronteras: antología de escritores iberoamericanos en Estados Unidos*. Miami: Suburbano, 2013.

HALL, Stuart. *Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*. In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFGM, 2008, p. 25-48.

HEFFES, Gisela. *Introducción. Para una poética de los (dis)locamientos*. In: _____. *Poéticas de los (dis)locamientos*. Houston: Literal Publishing, 2012, p. 11-30.

ORTEGA, Julio. *Los suaves ofendidos*. In: GONZÁLEZ VIAÑA, Eduardo. (Org.). *Cruce de fronteras: antología de escritores iberoamericanos en Estados Unidos*. Miami: Suburbano, 2013, p. 214-18.

PATERSON, Janet M. *O sujeito em movimento: pós-moderno, migrante e transnacional*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, vol. 59, n. 2, p. 179-184, abr.-jun. 2015. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/21339/13248>>.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. In: _____. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFGM, 2004, p. 45-63.